



CORPO, SUJEITO E MEMÓRIA NO JORNALISMO EM QUADRINHOS

BODY, SUBJECT AND MEMORY IN COMIC JOURNALISM

Fernanda Surubi Fernandes (UEG)¹

Resumo: Este estudo tem como objetivo apresentar o funcionamento discursivo no jornalismo em quadrinhos, explorando a relação corpo, sujeito e memória. Para isso, são abordadas as concepções desses três conceitos a partir da perspectiva da Análise de Discurso, com base nos trabalhos de Pêcheux (2007) e Orlandi (2007). O estudo adentra ainda na história dos quadrinhos, relacionando-a a teoria discursiva por meio da noção de imagem (Davallon, 2007; Pêcheux, 2007). Em seguida examina mais especificamente sobre o termo “jornalismo em quadrinhos”, apresentando exemplos de como essa denominação e estrutura se materializam em diferentes obras. Além disso, discute as reportagens em quadrinhos produzidas no Brasil. Após esse percurso, o estudo busca, com base nas noções de corpo, sujeito e memória, analisar como os quadrinhos Palestina, de Joe Sacco (2021); O mundo de Aisha, de Ugo Bertotti (2015) e Quatro Marias, de Helô D’Angelo, Santana e Gomes (2016) se significam a partir de sua materialidade discursiva.

Palavras-chave: Discurso; Materialidade; Imagem.

Abstract: This study aims to present the discursive functioning in comics journalism, exploring the relationship between body, subject, and memory. To this end, the conceptions of these three concepts are addressed from the perspective of Discourse Analysis, based on the works of Pêcheux (2007) and Orlandi (2007). The study also delves into the history of comics, relating it to discursive theory through the notion of image (Davallon, 2007; Pêcheux, 2007). It then examines more specifically the term “comics journalism”, presenting examples of how this denomination and structure materialize in different works. In addition, it discusses the comics reports produced in Brazil. After this path, the study seeks, based on the notions of body, subject, and memory, to analyze how the comics Palestina, by Joe Sacco (2021); O mundo de Aisha, by Ugo Bertotti (2015) and Quatro Marias, by Helô D’Angelo, Santana and Gomes (2016) are signified based on their discursive materiality.

Keywords: Discourse; Materiality; Image.

¹ Docente Adjunto da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade Universitária de Iporá. Docente do Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas - IAEL. Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Líder do Grupo de Pesquisa *Quadrinhos em discurso* – HQDis (CNPq/UEG). E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br



INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos têm expandido cada vez mais seu escopo, tanto em termos de temáticas quanto na forma de produção, nas cores, nos traços e na variedade de narrativas. Muitas vezes, essas variações desafiam os limites da definição do que se entende por histórias em quadrinhos, ou produções jornalísticas no formato de quadrinhos. Diante disso, este estudo tem como objetivo apresentar o funcionamento discursivo do denominado “jornalismo em quadrinhos”, explorando a relação corpo, sujeito e memória. Para isso, discute as concepções de corpo, sujeito e memória a partir da perspectiva da Análise de Discurso, com base em Pêcheux (2007) e Orlandi (2007), além de analisar as histórias em quadrinhos pela noção de imagem a partir da teoria discursiva (Davallon, 2007; Pêcheux, 2007).

Em seguida, o estudo adentra nos conceitos das histórias em quadrinhos com base em Cagnin (1975). Posteriormente, aborda mais especificamente a denominação “jornalismo em quadrinhos”, exemplificando como essa dominação e estrutura quadrinística ocorre em diferentes obras. Além disso, discorre sobre as reportagens em quadrinhos produzidas no Brasil.

Após esse percurso, o estudo buscou analisar, com base nas noções de corpo, sujeito e memória, como os quadrinhos *Palestina*, de Joe Sacco (2021); *O mundo de Aisha*, de Ugo Bertotti (2015) e *Quatro Marias*, de Helô D’Angelo, Bianca Santana e Joyce Gomes (2016) se significam a partir de sua materialidade discursiva.

CORPO, SUJEITO E MEMÓRIA

Para refletir sobre as histórias em quadrinhos, apresentamos os conceitos de corpo, sujeito e memória à luz da Análise de Discurso, baseando-se nos trabalhos de Orlandi (2007) e Pêcheux (2007). Essa abordagem teórica busca compreender o discurso enquanto lugar onde o sujeito e a linguagem se interpelam e se constituem mutuamente. Nessa perspectiva, o corpo vai além da sua dimensão carnal ou empírica, sendo entendido como um corpo discursivo, no qual é possível observar a inscrição das formações discursivas nele.



Para a Análise e Discurso, as formações discursivas determinam o que pode e dever ser dito (Pêcheux, 2009), projetando, portanto, sentidos para o corpo, a partir de determinadas condições materiais de existência. Dessa forma, entende-se que: “Enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso” (Orlandi, 2012, p. 85).

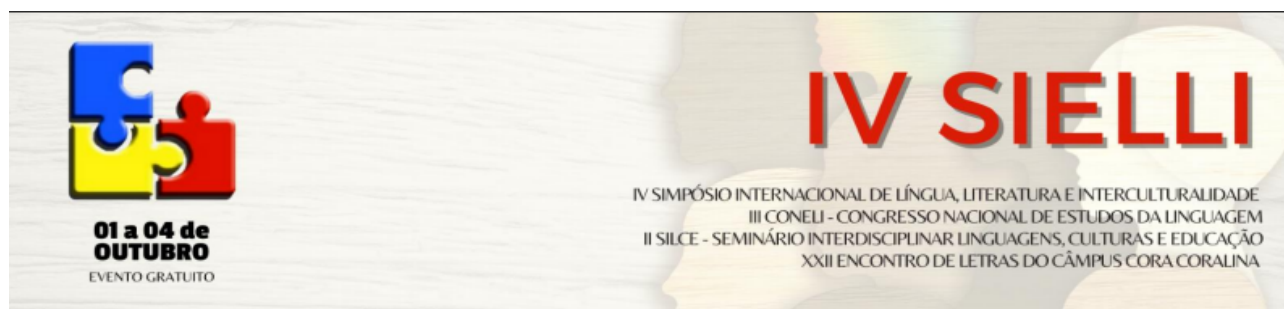
Corpo e sujeito se constituem mutuamente também, pois no social, os sentidos são postos levando em conta o jogo entre a memória e atualização dos sentidos. Dessa forma, “[...] o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído” (Orlandi, 2007, p. 37). E a memória “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux, 2007, p. 56).

Em síntese, corpo e sujeito, na perspectiva da Análise de Discurso, não são entidades fixas, mas produtos de uma rede de significações que se entrelaçam no tecido social, lugar em que a memória é retomada e produz efeitos. Nessa direção, ao se trabalhar os quadrinhos, o conceito de memória tem se mostrado como essencial, especialmente pela relação com a imagem, como veremos a seguir.

A IMAGEM E OS QUADRINHOS

A associação entre imagem e quadrinhos mostra como a linguagem visual dos quadrinhos produz significados complexos através da justaposição da palavra escrita e da ilustração, e essa vinculação se dá na retomada dos sentidos por meio da memória.

Para a Análise de Discurso, a relação entre imagem e memória tem sido discutida a partir da compreensão de seu objeto, o discurso. Definindo o discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2007, p. 21) e como prática social, permite que diferentes objetos simbólicos sejam discutidos e analisados. Dessa forma, para a teoria discursiva, as diferentes materialidades (a imagem, o signo verbal, a pintura) “[...] são diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem” (Orlandi, 1995, p. 39).



Refletindo sobre a imagem, alguns pontos são apresentados como a sua capacidade de ir além da mera representação da realidade.

Por que a imagem? Porque ela aparece - ao menos em um campo histórico que vai do século XVII até nossos dias - uma possibilidade considerável de reservar à força: a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador) (Davallon, 2007, p. 27).

Essa conservação da força das relações sociais remete que a imagem possui uma forma de apresentar sentidos que podem ser retomados, dependendo das situações sociais em que atua. Mesmo assim, há marcas em que são possíveis de deixar vestígios de outros sentidos possíveis ou esquecidos.

E isso ocorre a partir da relação entre a imagem e os seus interlocutores, pois: “[...] aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta” (Davallon, 2007, p. 29), assim, a imagem permite um direcionamento da interpretação e posiciona o leitor de uma maneira determinada, mas mesmo assim, depende do sujeito-leitor para produzir sentidos. Dessa forma, há “[...] uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo 'legível', ou antes, 'dizível', pode variar conforme as leituras [...])” (Davallon, 2007, p. 29).

Nessa variação de leituras, os quadrinhos também se apresentam como uma materialidade constitutiva diversificada. Segundo Cagnin (1975), a leitura exige um saber ler a imagem, que apresenta diferentes níveis. E quando a imagem se trata de uma ilustração, “[...] exige elaboração por parte do emissor e a preocupação de orientar a percepção do significado. Portanto é seletiva. A seletividade é orientada por dois polos: a intenção do desenhista e as limitações do receptor” (Cagnin, 1975, p. 51).

Nessa concepção, os sentidos são projetados a partir de uma relação entre o já dito e produzido, retomado pela memória discursiva, para poder significar. Mesmo falando em intenção, para a Análise de Discurso, o sujeito é posição, não é intencional, por esse viés, os sentidos também se constituem no processo de relação entre o que é dito, a partir da imagem, na relação com os interlocutores, atravessados por uma memória discursiva.



Nessa possibilidade de leitura é que também há possibilidades de modos de construção de uma história em quadrinhos. Nessa variação, a estrutura e formato dos quadrinhos também passam por uma diversidade de temas e produções, como é o caso do “jornalismo em quadrinhos”.

JORNALISMO EM QUADRINHOS

Os quadrinhos em sua diversidade abarcam outros gêneros e produções, por isso, podemos compreender o “jornalismo em quadrinhos” como uma forma híbrida de narrativa que une rigor investigativo do jornalismo com a expressividade visual dos quadrinhos. Gomes (2010) discute sobre esse formato, compreendendo que:

[...] as HQs comumente são associadas à ficção, e o jornalismo ao que é tido como *real* – ou como próximo do real. E é entre estas suas linguagens que o jornalismo em quadrinhos se erige, é entre estes dois meios que ele dita o seu ritmo e se territorializa – sem, no entanto, deixar de exibir imbricadas em si característica tanto das HQs como do jornalismo. (Gomes, 2010, p. 20. Grifo do autor).

Essa abordagem permite uma produção significativa sobre acontecimentos reais, combinando elementos gráficos, palavras e sequências visuais para ilustrar diferentes contextos e informações sobre o mundo. Na mesma direção, podemos dizer que:

A arte sequencial permite ao jornalismo apresentar nuances que não seriam possíveis por meio da reportagem meramente escrita: a representação das cenas descritas pelas fontes, bem como formas de reproduzir emoções e diferentes situações (tensão, calma etc.) por meio de linguagem imagética. A ilustração traz consigo o olhar do ilustrador, podendo, de tal forma, registrar os sentimentos dos entrevistados, que são percebidos ao longo da entrevista. (Liberator, 2018, p. 8).

Algumas produções de histórias em quadrinhos são citadas, principalmente por quadrinistas, como exemplos de “jornalismo em quadrinhos”, mesmo se questionando sobre fazerem parte dessa definição. É o caso de *Persépolis*, de Marjane Satrapi, e *Maus*, de Art Spiegelman, pois utilizam a narrativa gráfica para abordar contextos históricos.



Figuras 1 e 2: Capa do quadrinho *Persépolis* (Satrapi, 2018) e Capa do quadrinho *Maus* (Spiegelman, 2018)



Fonte: Satrapi (2018) e Spiegelman (2018).

Enquanto *Persépolis* apresenta a Revolução Iraniana a partir da experiência pessoal de Satrapi, *Maus*, que recebeu o prêmio Pulitzer de jornalismo, retrata o Holocausto através das vivências do pai de Spiegelman. São produções consideradas biográficas, mas que retratam a história, informando, relatando e expondo uma realidade cruel.

A partir desses exemplos, a produção de Joe Sacco, que é jornalista e quadrinista, possibilitou ampliar esse escopo e a usar mais constantemente o termo “jornalismo em quadrinhos”. De acordo com Gomes (2010, p. 18): “A expressão jornalismo em quadrinhos é relativamente recente, e precisamente começa a ganhar notoriedade com a obra apurada e desenhada pelo jornalista maltês Joe Sacco, *Palestina, Uma Nação Ocupada* – lançada originalmente em janeiro de 1994 nos Estados Unidos”.

Figuras 3, e 4: Capas de *Palestina* (Sacco, 2021) e *Uma história de Sarajevo* (Sacco, 2005)



Fonte: Sacco, 2021 e ano;



Tanto *Palestina* quanto *Uma história de Sarajevo* de Sacco são produções consideradas “jornalismo em quadrinhos”, pois combinam pesquisa investigativa sob o ponto de vista do jornalista-quadrinista, apresentando de forma detalhada os conflitos políticos e sociais. O ponto de vista é materializado pela própria representação do artista no quadrinho, como personagem, oferecendo uma perspectiva subjetiva e imersiva os eventos que cobre.

Dessa forma, essa presença do jornalista permite que enquanto leitor acompanhamos sua jornada de investigação e vivência direta com os entrevistados, além de expor as dificuldades e dilemas éticos. E ainda tomar posição naquilo que investiga, por isso afirma na obra *Palestina*, de que não se trata de “[...] uma obra objetiva, se por objetividade tomarmos a ideia ocidental de deixar cada lado contar sua versão, sem se importar que a verdade seja revelada. Minha intenção na obra não é ser objetivo, mas honesto” (Sacco, 2021, p. XVII).

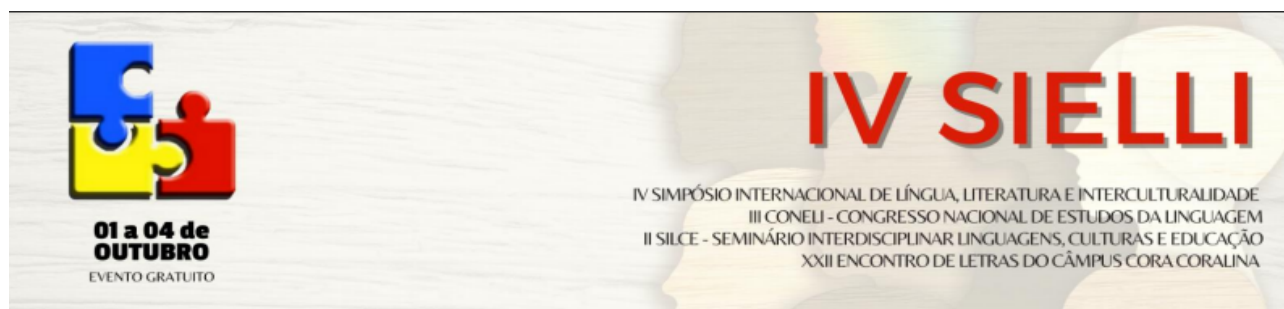
Nessas obras, Sacco utiliza o formato de quadrinhos para documentar a realidade complexa das regiões em guerra, revelando o cotidiano, as emoções e as histórias pessoais dos envolvidos, não apenas informando ao leitor, mas convidando-a a refletir sobre esses conflitos.

Diante dessas produções, outras foram produzidas, principalmente no Brasil. Dentre elas, podemos citar a produções de Alexandre de Maio e CarlosCarlos, Amanda Ribeiro e Luiz Fernando Menezes, Carolina Ito.

Figuras 5, 6 e 7: Capa da Revista Fórum; Capa do livro *Socorro! Polícia!*, Capa do livro: *Estilhaço – uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha*



Fonte: Maia (2018); Ribeiro (2018) e Menezes e Ito (2015).



Pixação: uma questão de classe???, *Socorro! Polícia!* e *Estilhaço – uma jornada pelo vale do Jequitinhonha* exemplificam como os quadrinhos podem investigar fenômenos urbanos, explorando as raízes sociais e econômicas da pichação no contexto brasileiro.

Pixação: uma questão de classe??? é uma reportagem em quadrinhos que expõe a prática da pichação nas cidades brasileiras, proponho uma análise que vai além do vandalismo e da ilegalidade comumente associados a ela. Em *Socorro! Polícia!*, a narrativa investiga as relações entre comunidade e polícia, relevando tensões e desafios do cotidiano nas periferias. Já *Estilhaço – uma jornada pelo vale do Jequitinhonha* examina a realidade social e econômica de uma das regiões mais carentes do Brasil.

Esses trabalhos demonstram como os quadrinhos jornalísticos conseguem aprofundar a compreensão de temas complexos, utilizando a combinação de texto e imagem para amplificar o efeito no processo de leitura.

CORPO E SUJEITO NO JORNALISMO EM QUADRINHOS

Ao fazer o percurso sobre os exemplos de “jornalismo em quadrinhos”, observamos como a representação do corpo e do sujeito ocorre nessas produções. Para visualizar isso, selecionamos alguns trechos dos quadrinhos *Palestina* de Joe Sacco (2021), *O mundo de Aisha* (Bertotti, 2015) e *Quatro Marias*, de D’Angelo, Santana e Gomes (2016).

Nos recortes de *Palestina* observamos como os personagens são projetados em quadros que não seguem uma linearidade, seus corpos se projetam sobre as páginas, com o recordatório – aquelas áreas de texto que representam a narração ou reflexão do autor – sobrepostos sobre os corpos dos personagens reforçam os sentidos sobre a vivência daquelas pessoas e do próprio jornalista.

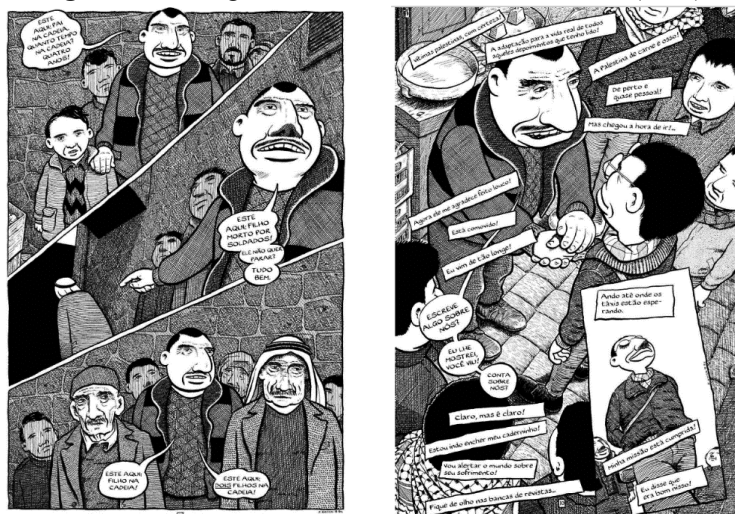


**01 a 04 de
OUTUBRO**
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

Figuras 8 e 9: Páginas do livro *Palestina* de Joe Sacco (2021)



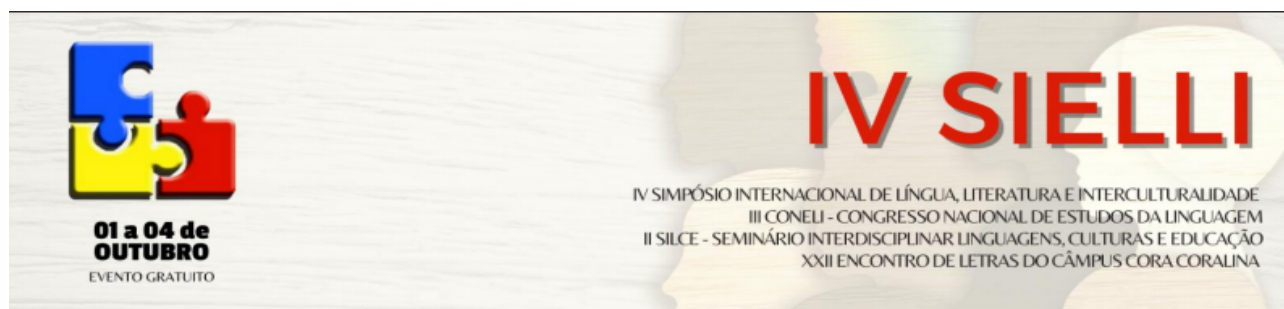
Fonte: Sacco (2021).

Esse modo de projeção expõe como efeito a imagem da bagunça, da falta de ordem e organização para as pessoas e o próprio país, como também faz que os personagens transbordem os limites dos quadros, mostrando a relação entre a realidade e o imaginário produzido para essas personas e este país.

Figuras 10 e 11: Páginas do livro *Palestina* de Joe Sacco (2021)



Fonte: Sacco (2021).



Nessas outras imagens, vemos quadros que representam fotos tiradas durante as entrevistas que Sacco realizava, capturando momentos e expressões dos entrevistados. Esses quadros fotográficos ilustrados funcionam como registros visuais da realidade, reforçando o efeito de autenticidade e imersão na narrativa. Mesmo assim, há diferenças entre a fotografia e a ilustração, pois a ilustração apresenta mais um olhar do artista/quadrinista, pois através do seu traço produz sentidos sobre as narrativas que aborda em seu quadrinho jornalístico.

A relação com a fotografia também está presente na obra: *O mundo de Aisha*, de Bertotti (2015). Nessa produção, adentramos na vida e experiências de várias mulheres na palestina, sendo uma das narrativas, a história de Aisha. Destaque para o modo como Aisha e as mulheres são representadas, geralmente estão usando o *niqab*, o véu que cobre o rosto da mulher, expondo apenas seus olhos.

Figuras 12 e 13: Capa e contracapa de *O mundo de Aisha* (Bertotti, 2015)



Fonte: Bertotti (2015).

A primeira história é de Sabiha. Apresenta seu casamento desde os doze anos de idade e como vive de forma oprimida pelo marido, que somente ao vê-la na janela sem o *niqab* a agride.

Figuras 14 e 15: Recortes de *O mundo de Aisha* (Bertotti, 2015)



Fonte: Bertotti (2015).

Nessa história já vemos a tentativa de mudança, pois Sabiha foge, mas logo é encontrada e devolvida ao marido. Seu final é no hospital depois de levar um tiro dele, tendo de seis meses a um ano de vida. Outras histórias de mulheres são contadas pelas fotografias e pelas ilustrações, mostrando um processo de mudança gradual nos costumes, principalmente referente ao corpo feminino, como o uso do *niqab*. Dependendo do modo como chefe da família vê isso. Como é o caso da história de Aisha e Ghada. Enquanto Aisha é obrigada pelo irmão a suar o *niqab*, Ghada é obrigada a não usar, pois o seu irmão tem uma visão mais ocidental, mas ainda é o chefe de família a ser seguido. Para Ghada, usar o véu tem permitido que as mulheres se tornem cientistas, por exemplo, pois usar o véu lhes autoriza a estarem no mesmo lugar que os homens.

Para encerrar os exemplos e recortes sobre corpo e sujeito no “jornalismo nos quadrinhos”, apresentamos *Quatro Marias - uma reportagem em quadrinhos sobre as realidades do aborto no Brasil*, de D’Angelo, Santana e Gomes (2015).

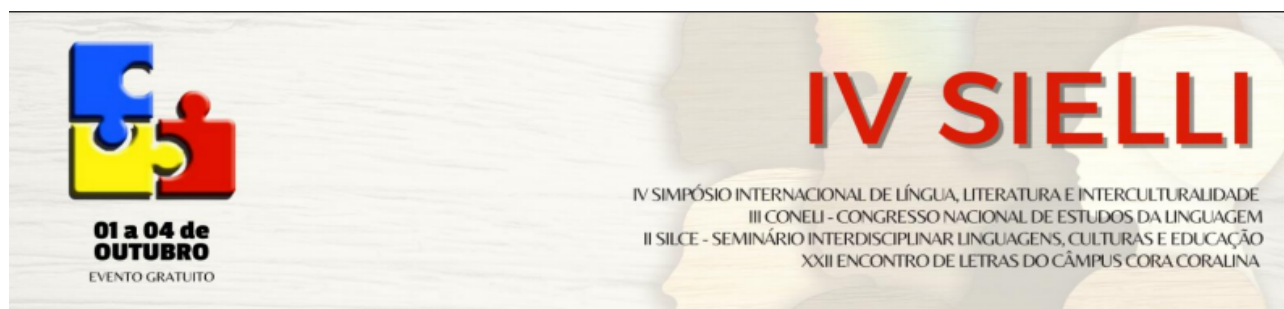


Figura 16: Imagem de abertura do site em que o quadrinho *Quatro Marias* está.



Quatro Marias conta a história de quatro mulheres anônimas, de classes sociais, idades e contextos diferentes, que decidiram interromper a gravidez. Para ler a reportagem, é só clicar na história em quadrinho desejada – elas são independentes e podem ser lidas em qualquer ordem, embora também se completem (para saber mais sobre o projeto, [clique aqui](#)).

Fonte: *Quatro Marias*. Disponível em: <https://quatromariassite.wordpress.com/> Acesso em 28 de out. 2024.

O quadrinho *Quatro Marias* foi criado como trabalho de conclusão de curso e narra a experiência de quatro mulheres brasileiras que realizaram abortos em contextos variados, abordando questões de gênero, direitos reprodutivos e desigualdade social.

Figura 17: Capas de cada história que compõem o quadrinho *Quatro Marias*.



Fonte: *Quatro Marias*. Disponível em: <https://quatromariassite.wordpress.com/> Acesso em 28 de out. 2024.

Cada Maria representada por cada quadrinho ilustra uma situação real, incluindo o estigma social, as dificuldades legais e o acesso limitado a procedimentos seguros, assim como as diferentes implicações psicológicas e físicas do aborto clandestino. Ao apresentar essas histórias em



quadrinhos, a obra também produz como efeito uma reflexão sobre a vida dessas mulheres e a disparidade que permeia o acesso à saúde reprodutiva no Brasil.

Nas capas, observamos cada Maria e sua história, pois cada capa expõe imagens mais pálidas que retratam a história de cada uma. Esse modo de apresentar cada história permite que o leitor antecipe tanto o conteúdo quanto a forma da narrativa que será desenvolvida. Seus corpos assumem, portanto, uma posição central na narrativa, pois ao falar sobre o aborto, coloca em funcionamento sentidos sobre a autonomia da mulher sobre seu próprio corpo.

Desse modo, entende-se que corpo e sujeito se constituem pelo traço do quadrinista e pelo processo de leitura (Orlandi, 2012), pois no social, os sentidos são postos levando em conta o jogo entre a memória e atualização dos sentidos, que ocorre no ato da leitura, como também no ato da produção quadrinística, ou seja, são sentidos produzidos a partir da relação com uma memória histórica e social que é retomada no ato de dizer (Pêcheux, 2007), no caso, no ato de traçar a narrativa sobre esses personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções do “jornalismo em quadrinhos” têm se apresentado como lugar de poder dizer sobre diferentes temáticas, com base jornalísticas, sendo informativas e reflexivas. Nos exemplos apresentados, compreendemos o alcance e o modo como as histórias em quadrinhos podem produzir efeitos nos/pelos sujeitos sobre a sua realidade e sobre o seu corpo.

Dessa forma, pela perspectiva da Análise de Discurso, os sentidos produzidos ocorrem pela interpelação do sujeito a partir de uma memória histórica e social que faz significar no quadrinho e no jornalismo efeitos sobre a condição de diferentes sujeitos em sua condição material de existência.

Assim, a relação corpo e sujeito nas obras *Palestina* de Joe Sacco (2021); *O mundo de Aisha* de Ugo Bertotti (2015) e *Quatro Marias* de D’Angelo, Santana e Gomes (2016) revelam como cada produção utiliza elementos do jornalismo e dos quadrinhos para enriquecer a narrativa e aprofundar a compreensão das realidades que retratam. São efeitos que são possíveis a partir dessa imbricação de diferentes materialidades.



REFERÊNCIAS

BERTOTTI, Ugo. **O mundo de Aisha**: a revolução silenciosa das mulheres no Iêmen. Trad. Fernando Sheibe. São Paulo: Nemo, 2015.

CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, Pierre. Et. al. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007. p. 23-32.

D'ANGELO, Helô; GOMES, Joyce; SANTANA, Bianca. **Quatro Marias** - uma reportagem em quadrinhos sobre as realidades do aborto no Brasil. Disponível em: <https://quatromariassite.wordpress.com/>. Acesso em 03 out. 2024.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em quadrinhos**: mediações e linguagens imbricadas nas reportagens Palestina – Uma Nação Ocupada e em O Fotógrafo. 2010. (Dissertação). Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea. Cuiabá, 2010.

LIBERATOR, Norberto. **Diasporados**: uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes. Campo Grande, 2018. Disponível em: https://issuu.com/tccs.jornalismo.ufms/docs/diasporados_-versaofinalnumerado. Acesso em 11 jul. 2024.

ORLANDI, Eni P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**. Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 35–47, 1995. DOI: 10.20396/rua.v1i1.8638914. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. Et. al. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-56.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SACCO, Joe. **Palestina**. Trad. Cris Siqueira. Introdução de José Arbeux Junior. Prefácio de Edward Said. São Paulo: Veneta, 2021.

SACCO, Joe. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad, 2005.